ROMANCE

Espanha, século 16

Traída pelo marido, pelo pai e pelo filho, ela ousou desafiar um império e a Igreja para ser coroada rainha. Uma história de audácia e bravura, fascinante como poucas

JOANA, A LOUCA

Linda Carlino

SUCESSO INTERNACIONAL

JOANA, A LOUCA

Rainha Joana I da Espanha

Linda Carlino

JOANA, A LOUCA

Rainha Joana I da Espanha

Tradução de
Isabel Nunes

EDITORA
25 Anos
EUROPA

Título original: *That Other Juana*

Copyright © 2007, Linda Carlino

TODOS OS DIREITOS NO BRASIL RESERVADOS PARA

Editor e Publisher Aydano Roriz
Diretor Executivo Luiz Siqueira
Diretor Editorial Corporativo Roberto Araújo
Diretor Editorial – Livros Mário Fittipaldi
Tradução Isabel Nunes
© Editorial Presença, Lisboa, 2009
Edição para o português do Brasil Mário Fittipaldi

Capa Welby Dantas
Foto de capa Tomaz Vello
Modelo Daiara Caroline Pereira - BRM Models
Produção Beth Macedo
Make-up Carmem Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carlino, Linda
Joana, a Louca / Linda Carlino ; tradução Isabel Nunes. -- São Paulo : Editora Europa, 2012.

Título original: That Other Juana.
ISBN 978-85-7960-119-4

1. Romance inglês I. Título.

12-00244 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance histórico : Literatura inglesa 823

Atendimento ao leitor Fabiana Lopes - fabiana@europanet.com.br
Livrarias Flávia Pinheiro - flaviapinheiro@europanet.com.br
Promoção Aida Lima - aida@europanet.com.br

Agradecimentos

Agradeço muito a todos os que, por meio do seu apoio na Espanha, tornaram possível este livro.

Tenho de agradecer em especial à Biblioteca Nacional e à Ópera de Madri pelo acesso à sua magnífica biblioteca e arquivos.

Também em Madri, agradeço a todos os meus amigos, mas em especial a António García, Miguel Ruiz-Borrego y Arabal e Josep M. Sanmartí, pelo seu encorajamento e ajuda ao longo dos anos.

Os meus agradecimentos vão igualmente para a British Library e a Biblioteca do Condado de Durham, por todo o apoio.

Agradeço à minha editora Elspeth Sinclair, pelas suas inúmeras correções e sugestões.

Um agradecimento especial à nossa querida amiga Lucía Alvarez, de Toledo, pois sem sua ajuda e apoio iniciais talvez este livro não tivesse sido concluído.

E, por fim, agradeço a meu querido marido, Charles. Percorreu um número infindável de igrejas, palácios, castelos e museus em toda a Espanha, sentou-se ao meu lado dias inteiros em bibliotecas e leu criticamente todos os rascunhos do manuscrito, nunca deixando de ser infinitamente paciente.

Linda Carlino

Sumário

Enquadramento Histórico 9
Mapas 10
Árvore Genealógica de Isabel e Fernando 13

LIVRO I: Casamento 15
Capítulos 1 a 33

LIVRO II: Viuvez 241
Capítulos 34 a 54

EPÍLOGO 414

Enquadramento Histórico

A história de Joana acontece entre os anos de 1496 e 1555, sobretudo na Espanha, mas também em Flandres e, brevemente, na França e na Inglaterra. Passa-se no período em que o rei Fernando de Aragão e a rainha Isabel de Castela, os Reis Católicos, lutam para fortalecer o recém-formado reino da Espanha.

Para cumprir esse objetivo, tentam proteger o seu país de ameaças externas e estender a sua influência ao estrangeiro por meio de casamentos reais estratégicos, celebrados por acordos políticos nas pessoas de seus filhos. O mais conhecido da história inglesa foi o casamento da filha Catarina de Aragão com Henrique VIII da Inglaterra. As mortes inesperadas de seus filhos mais velhos teve como consequência o fato de Joana, a menos adequada a um casamento político e à sucessão ao trono, ver-se obrigada a carregar ambos esses fardos.

Este romance respeitou fielmente os fatos históricos, com ligeiras exceções destinadas a realçar e a simplificar a história. Os diálogos e os pensamentos, assim como algumas ações das personagens, são na sua maioria produto da minha imaginação, intuição e visão, mas seguem sempre de perto os fatos conhecidos.

Linda Carlino

Península Ibérica
nos Tempos de Isabel e de Fernando
Séculos 15 e 16

Flandres e Países Baixos
Séculos 15 e 16

Árvore Genealógica

ISABEL DE CASTELA
E
FERNANDO DE ARAGÃO

ISABEL
1470 - 1498
Casou-se com:
(1) Afonso, príncipe de Portugal;
(2) Manuel I de Portugal

MIGUEL
1498 - 1500

JOÃO
1478 - 1497
Casou-se com Margarida da Áustria

JOANA
1479 - 1555
Casou-se com Felipe da Áustria

LEONOR
1498 - 1558
Casou-se com:
(1) Manuel de Portugal;
(2) Francisco da França

CARLOS
1500 - 1558
Casou-se com Isabel de Portugal

ISABEL
1501 - 1525
Casou-se com Cristiano da Dinamarca

FERNANDO
1503 - 1564
Casou-se com Ana da Boêmia

MARIA
1505 - 1558
Casou-se com Luís da Hungria

CATARINA
1507 - 1577
Casou-se com João III de Portugal

MARIA
1482 - 1517
Casou-se com Manuel I de Portugal

ISABEL
1503-1539
Casou-se com Carlos

CATARINA
1485 - 1536
Casou-se com:
(1) Artur, príncipe de Gales;
(2) Henrique VIII da Inglaterra

MARIA TUDOR
1516 - 1558

LIVRO I
CASAMENTO

Capítulo 1

A cabeça de Joana era uma amálgama de esperança e medo, próprios de uma jovem que ainda não fizera dezesseis anos. O aperto que sentia na garganta quase a impedia de respirar.

Saiu dos seus aposentos e apressou-se ao longo da galeria do primeiro andar, seguida pelas aias e pela escrava Zayda. Seus pensamentos estavam concentrados na Sala do Conselho e mal reparou nos cortesãos e nos guardas, que trocavam olhares e abanavam a cabeça, compreensivos. O agradável perfume da lavanda, o seu preferido, que se erguia do assoalho de carvalho e dos pesados baús, recentemente encerados, não a cativou.

Sabia por que motivo a rainha, sua mãe, a mandara chamar. É claro que sabia. Desde a assinatura do contrato, havia pouco tempo que ansiava e receava simultaneamente a chegada daquele momento, ainda na esperança vã de que não se concretizasse nos anos mais próximos.

Todavia, naquela fria manhã de janeiro de 1496, uma data que iria certamente ficar gravada para sempre no seu coração, fora convocada para uma audiência formal. Não havia dúvida quanto ao seu propósito: não podia ser mais nada senão

informá-la de que se haviam concluído as negociações do casamento e de que se marcara a data da sua partida.

Uma pressão dolorosa esmagava-lhe o peito. Era como se tivesse recebido uma sentença de morte que desfizera os sonhos maravilhosos que alimentara, sonhos sobre um príncipe triste e infeliz que recuperaria a felicidade perante a visão do seu belo rosto.

— Zayda, vou ser exilada da Espanha... banida. — As palavras saíam-lhe estranguladas por entre arquejos. — Como poderei viver num país tão longínquo? A viagem de barco é tão longa e perigosa! Sei que me vão separar de tudo o que amo. Nunca mais verei a minha família, tenho certeza. Ficarei perdida, esquecida para sempre.

Deteve-se na esquina, onde a escadaria se erguia do pátio, lá em baixo, e inspirou o ar invernoso e gelado que subia furtivamente. Nervosa, sacudiu a saia de veludo verde com dedos agitados.

Zayda envolveu-lhe as mãos para as acalmar.

— Coragem, minha Senhora — pediu à sua bela menina.

É que Joana era bela em todos os sentidos: fisicamente, na graciosidade dos seus movimentos, na musicalidade da voz. Era de altura mediana, magra e de proporções áureas. Grossas tranças de um cobre-dourado coroavam-lhe o rosto oval, mas, naquele momento, as lágrimas ameaçavam saltar-lhe dos olhos cor de avelã, sempre prontos a cintilar de inteligência, alegria, calor e amor. Os lábios, acostumados a sorrir e a rir, apertavam-se de medo.

As aias esperavam a uma curta distância.

— Que devo fazer? — perguntava-lhes Joana. — Estou tão assustada. Podeis prometer-me que serei feliz em Flandres e, se sim, por quanto tempo? E, se não, que será de mim?

— Minha Senhora, ninguém pode saber. Temos de confiar em Deus.

— Espero que Ele tenha piedade de mim. A minha irmã Isabel diz que quer se retirar para um convento. Achais que devo dizer à minha mãe que pretendo igualmente ser freira? Impossível! Essa vida não é para mim. Faço as minhas orações, vou à confissão e à missa, e é mais do que suficiente.

Exclamações chocadas das aias interromperam-na.

— Só disse isso pelo fato de Flandres ser tão longe. Se estivésseis no meu lugar, diríeis exatamente o mesmo! Mas como me atrevo a demorar-me aqui? Os meus pais tratarão logo de me acusar de relutância e desobediência.

Joana ergueu as pesadas saias do traje, fez uma reverência, benzeu-se apressadamente defronte ao tríptico anichado na esquina e dirigiu-se à Sala do Conselho para ser informada do seu destino, seguida pelas aias, que se detiveram brevemente para também se benzerem.

Sabia há um ano da proposta de união e das diversas negociações que rodeavam o seu casamento com o arquiduque Felipe, filho do sacroimperador romano. Ingênua, pensara que se passariam vários anos antes da realização do casamento, mas em breve se tornou evidente que não seria assim. Durante todo o ano haviam ocorrido constantes idas e vindas de embaixadores e o casamento por procuração, no início do mês, e a sua assinatura, declarando-a ligada a todas as cláusulas do contrato de casamento, gritavam a iminência da partida. Seguiu-se, então, uma série de rumores sobre a preparação de uma frota especial no norte.

Joana parara defronte das portas da Sala do Conselho. O que a esperaria do outro lado? Sabia apenas que não tinha escolha, que não havia alternativa.

As aias atarefaram-se a prender-lhe madeixas que se haviam soltado dos cabelos castanho-dourados, enfiando-as sob a fita verde que lhe cruzava o cimo da cabeça e verificando o estado da trança enrolada que lhe caía pelas costas até a cintura.

Dobraram também as largas mangas a fim de expor o forro de cetim vermelho e alisaram as pregas das saias.

Zayda sorriu.

— Os meus pensamentos acompanham-vos para vos dar força, mesmo que não esteja do vosso lado.

Joana sobressaltou-se quando as portas se abriram. Chegara o momento. Soltando pequenos soluços de dor, forçou-se a entrar na sala, dando os primeiros passos de um futuro desconcertante.

O salão resplandecia de vermelhos, brancos e dourados, desde as paredes até as cornijas e a talha pintada no teto. Ricas tapeçarias realçavam o esplendor. A todo o comprimento da Sala do Conselho perfilavam-se os nobres, os prelados e os embaixadores. Estava presente quase toda a corte.

Joana ficou profundamente intimidada, detendo-se após alguns passos, pois as suas pernas recusavam-se a mover-se.

Ao fundo daquela esplêndida reunião de testemunhas e convidados, a rainha Isabel e o rei Fernando sentavam-se nos seus tronos, sob um dossel de veludo vermelho com o escudo da Espanha, cujo brasão declarava orgulhosamente o poder da união das duas casas reais. Em vez dos trajes simples de todos os dias, que preferiam, os monarcas envergavam brocados dourados, cetins vermelhos e sedas.

Joana lançou um olhar nervoso na sua direção antes de baixar a cabeça, ansiosa por evitar tantos olhares inquisidores. Enquanto observava os ladrilhos do chão, tudo se tornou subitamente claro. Tratava-se de uma reunião de despedida. Amuou, manifestando em silêncio o desapontamento pelo fato de aquilo não se poder comparar com as extravagantes exibições de torneios e banquetes organizados para a irmã. Era tão injusto! Seria bem mais fácil perder-se no seio de uma multidão de folgazões do que estar ali, sozinha, perante o escrutínio de tanta gente.

A rainha Isabel percorreu a sala com o olhar e pensou quanto tempo a filha permaneceria ali com aquele seu ar desolado. O fato de Joana se sentir intimidada com a situação começava a aborrecê-la. Era lamentável que a filha ainda não tivesse desenvolvido um porte real, deixando-se assustar com tanta facilidade. Aquela jovem de cabeça curvada e dedos que mexiam nervosos na faixa não era certamente a mesma que a desafiava, teimosa; a filha voluntariosa que se vira forçada a repreender ainda recentemente.

Porém, a falta de dignidade de Joana não era a única preocupação de Isabel. Havia a sua tendência crescente para se isolar (assustadoramente semelhante à da avó, e que contribuiu para o seu estado de confusão mental). Tinha esperança de que não passasse de mais um sintoma da fase rebelde tão própria de jovens da sua idade.

Joana ergueu, por fim, a cabeça. Reverenciou os pais e deu início ao longo caminho que levava aos tronos. Pelo canto do olho, viu alguns amigos, incluindo o seu preferido, o professor de latim. Os seus sorrisos calorosos encorajaram-na e manteve a cabeça erguida até avistar Cisneros, ao lado da mãe. Era o recém-nomeado arcebispo de Toledo e primado de toda a Espanha. Joana tinha um medo terrível dele. Era muito mais que o chefe da Igreja, era um homem poderoso, dono de um intelecto penetrante e de um zelo incansável pelas questões de fé. Aquele padre era capaz de influenciar, persuadir e guiar a rainha, ousando mesmo dirigir-se a ela como igual. De espantar, o fato de a rainha não se ofender com a sua audácia, o que revelava bem o seu poder e fazia Joana tremer antes mesmo de encarar o longo rosto cadavérico e os olhos encovados. Estava bem ciente de que Cisneros lhe sondara profundamente a alma e a achara indigna.

Os seus lábios começaram a tremer. Ajoelhou-se rapidamente aos pés dos pais, baixando a cabeça, não fosse alguém

testemunhar os olhos cheios de lágrimas. Apertou o medalhão da Virgem, adornado de joias, um presente da mãe, que pendia junto do peito ansioso.

Isabel e Fernando levantaram-se e desceram juntos os três degraus, a fim de a cumprimentarem. Andavam ambos na casa dos quarenta. Vários anos de uma luta sem tréguas para forjar uma nova nação haviam tido um preço alto, especialmente para Isabel, que suportara também o fardo de seis partos. Deixara de ser a jovem alta, magra e elegante que encantara Fernando. A sua pele clara mostrava-se agora macilenta, o rosto longo com o seu queixo firme inchara e amolecera. As tranças castanhas haviam perdido o brilho e a rainha cobria-as agora com um véu fino. Uma pequena coroa repousava no topo em honra da audiência.

Fernando tivera mais sorte. O rosto, bronzeado e curtido pelo tempo passado nos campos de batalha, era ainda forte e belo, e o hábito de montar a cavalo e caçar ajudara-o a manter o corpo firme e musculoso.

Pegaram ambos nas mãos de Joana para ajudá-la a subir. A jovem viu os sorrisos e ficou convencida de que se deviam à satisfação de terem completado a contento os acordos matrimoniais dela própria e do seu irmão João. Os laços entre o Sacroimpério Romano e a Espanha haviam sido duplamente reforçados com este duplo matrimônio, apertando o cerco em volta do inimigo, a França, e contrariando as suas ambições expansionistas.

Joana se casaria com Felipe e o irmão desposaria a irmã dele, Margarida. Com os tratados conseguidos com esses dois casamentos e outros em boas vias de concretização com a Inglaterra (dependentes, porém, do casamento de outra filha, Catarina, com o filho de Henrique VII), a França ficaria completamente cercada.

O rei Fernando declarou:

— Querida filha, completamos todas as disposições relativas ao teu casamento. A espera e a incerteza chegaram ao fim. Casarás em outubro, tornando-te esposa de Felipe, arquiduque da Áustria, duque de Borgonha, conde de...

Joana precisou de todas as suas forças para não gritar que sabia tudo aquilo, que pouco lhe interessava. O que desejava saber, embora o receasse, era a data da partida. As palavras de uma canção ressoavam-lhe nos ouvidos, como que escarnecendo dela:

Dizem-me que devo me casar,
Mas não quero um marido, não.

Palmas corteses enchendo o salão e a voz da rainha Isabel, que parecia chegar de muito longe, interromperam-lhe os pensamentos.

— Partirás para Flandres em julho.

Joana entrou em pânico. Não podia ser em julho, era demasiado cedo!

— Será uma aventura, e chegará demasiado depressa. Temos de escolher criados fiéis para acompanhar-te. Temos também de decidir que padres são os mais indicados para a tua confissão e apoio espiritual.

Iria partir em a poucos meses, na companhia de criados e padres escolhidos pela mãe, que ignoraria as suas preferências. Lágrimas escaldantes começaram a arder-lhe nos olhos. Pensou em fugir e em esconder-se longe dali, ou mesmo implorar piedade aos pais, pedir-lhes que a deixassem ficar em casa, no seio da família.

As palavras saíram-lhe por fim, salvando-a daquele embaraço.

— Vossa Alteza Real, farei o meu melhor para vos agradar, para ser digna... — Sufocava, o corpo sacudido pelo desespero.

A atenção do público centrou-se de súbito nas portas, que se abriram perante um jovem de dezessete anos. Era João, pálido e de aspecto doentio, que durante toda a infância necessitara da presença constante dos médicos. Era o membro especial da família, o mais querido de Isabel. Seria por se tratar do único filho que Deus lhe dera? Ou porque, quando criança, a sua ligação à vida se mostrara tão tênue? Ou, ainda, devido à sua determinação em ultrapassar as fraquezas? Talvez fossem as suas palavras e atos bondosos ou uma combinação de tudo isso. Qual fosse a razão, Isabel via-o como o seu anjo e tratava-o por esse nome.

Joana observou o irmão magro e louro caminhar lentamente em direção ao estrado, disfarçando o seu coxear com o longo manto de veludo vermelho e um passo estudado. Adorava-o e desejava ser como ele, que descobria prazer em tudo o que o rodeava e fazia amizade com todos. Procurava sempre agradar e mostrava-se constantemente alegre.

Isabel e Fernando, diplomatas treinados, hábeis em esconder as emoções, não conseguiram disfarçar a alegria em ver o filho.

— Vossas Maj-jestades. — João ajoelhou nas almofadas colocadas aos pés dos reis. Depois ergueu-se e beijou primeiro a mão da mãe, seguindo-se a do pai.

— Querido filho, nosso amado príncipe, temos boas notícias. A arquiduquesa da Áustria chegará na segunda metade deste ano. Viajará com a armada que regressa depois de acompanhar a tua irmã ao novo lar.

João ficou deliciado e os olhos cintilaram-lhe. Anuiu com um gesto de cabeça e olhou em seu redor como que a convidar a corte a partilhar a sua felicidade.

— S-senhores e S-senhoras, não é mar-ravilhoso? Já não falta muito para termos conosco a minha esposa Margarida. Que af-fortunados somos por ganhar tal prêmio.

O público curvou-se. Poucos o haviam compreendido, pois

as palavras que saíam da sua boca retorcida e marcada eram praticamente ininteligíveis, e a maior parte das pessoas não conseguia entender os seus murmúrios.

Fernando fez um gesto de cabeça e as trombetas anunciaram a procissão de porta-estandartes que tomaram os seus lugares em ambos os lados dos dois tronos e nos degraus do estrado. Via-se primeiro o de Isabel, com cinco setas douradas atadas em fundo verde, seguido pelos jugos dourados sobre fundo negro de Fernando. Seguiam-se os cavaleiros-chefes das três ordens militares, trajando capas brancas e transportando insígnias com as suas cruzes. Por fim, o brasão real, dividido em quatro partes que representavam Castela, Leão, Aragão e Sicília, às quais se havia acrescentado a romã estilizada de Granada, recentemente reconquistada.

Fez-se uma pausa e logo, acompanhados da música dos saltérios e alaúdes dos jograis, os cortesãos desfilaram perante a família real para o beija-mão, felicitando-os e despedindo-se de Joana. Em seguida, observaram cópias dos acordos de casamento, escritos em latim e em francês, com os nomes dos noivos em ouro. Numa orla de folhas entrelaçadas lia-se: *Et qui quispiam praevalent contra unum, duo resistant ei...* (Se um não prevalecer, dois conseguirão resistir-lhe...)

A cerimônia terminara e a maior parte da corte fora dispensada. Afinal, não fora aterrador e Joana até acabara por gostar.

Com um braço sobre os ombros do filho, Fernando levou João até a lareira, onde crepitava um fogo acolhedor. Ficaram juntos, falando e rindo tão à vontade um com o outro que o crepitar vivo dos troncos parecia realçar a sua boa disposição.

Joana ficou a olhar até a mãe a chamar com um gesto.

— Vem, minha filha, sentemo-nos aqui um pouco. — Isabel baixou-se, sentando-se num divã, e Joana dispôs alguns

almofadões em redor dela, um ou dois feitos pela própria rainha em momentos de lazer.

— Contai-me, minha mãe, contai-me tudo o que sabeis sobre Felipe. Tendes mais notícias? Recordai-me o seu aspecto. Dizei-me, irá gostar de mim? Sou suficientemente bonita para ele?

— Devagar, devagar, Joana, são muitas perguntas ao mesmo tempo. Senta-te e já falaremos. — Isabel esperou que a filha estivesse confortavelmente instalada a seus pés. — Como já sabes, Felipe é alto, de belas feições e tem olhos azuis, que granjearam-lhe o cognome de *Philippe, le Beau,* Felipe, *o Belo*. Tens a miniatura dele, que diz tudo.

— Oh, sim. — Joana fechou os olhos, embalando-se suavemente. Ia casar-se com um príncipe chamado Felipe, *o Belo*, apenas um ano mais velho, alto e bonito. Como desejava estar com ele imediatamente. Viu-se num vestido de bela seda branca, com um manto verde-escuro. Corria, trazendo nos pés chinelas prateadas, sobre prados tocados pela geada e transportando ofertas de rosas e limões e uma pequena gaiola de aves canoras. Ele virava-se e a acolhia de braços estendidos.

— Contai-me mais. Que faz ele? De que gosta? Em que é bom?

Isabel deteve-se. As histórias e os rumores de Flandres sobre os namoros do jovem voltaram a preocupá-la em nome da sua filha.

— Acho que podemos dizer que Felipe goza a vida no seu todo. Adora caçar, dançar e todos os esportes. Exibe grande talento no jogo da pelota. Também aprecia serões de convívio na companhia dos seus inúmeros amigos. — Omitiu o fato de ele ser arrogante e detestável, com um feitio irascível facilmente despertado.

— Mãe, como deve ser maravilhoso ser alguém tão excepcional, tão popular. E pensar que vai ser meu, todo meu.

Danço com graciosidade, tenho uma boa voz, toco bem vários instrumentos, ou assim me dizem os professores. Mas serei suficientemente bonita? Um homem assim tem de ter uma esposa bela. Sou bonita, mãe?

Isabel ficou alarmada. Não teria Joana ainda compreendido a verdadeira natureza dos casamentos reais? Como era possível, depois de todas as discussões? Preocupava-a ver a mente da sua inocente filha de dezesseis anos ainda cheia de ideias românticas idiotas. Era, sem dúvida, o resultado de andar com o nariz sempre enterrado em livros.

Contudo, todas as apreensões sobre aquela união tinham de ser postas de lado. O filho, como herdeiro de toda a Espanha e seus domínios, era fundamental para as negociações. Porém, para dizer a verdade, por mais dolorosa que fosse, a sua saúde não era boa. A segurança da Espanha tinha de ser mantida e o seu poder aumentado. Portanto, era vital que o contrato com o imperador Maximiliano se referisse aos dois casamentos, não fosse o de João não dar em nada. O casamento com a sua filha mais velha, Isabel, fora recusado. Maria tinha de ser mantida em reserva para qualquer contingência que pudesse surgir. Catarina, a mais nova, estava prometida ao príncipe de Gales. Infelizmente, tinha de ser Joana.

A filha puxou-lhe pela mão.

— Mãe, estou à espera que me digais se sou suficientemente bonita. Estais a levar bastante tempo a decidir.

— Oh, sim, tu és suficientemente bonita, minha filha. — A rainha Isabel afagou-lhe a cabeça. Por um breve momento, sentiu uma onda de culpa perante o sacrifício do mais belo e mais fraco dos seus cordeiros.